

**A DIALOGICIDADE BAKHTINIANA EM CARTA DO LEITOR EM RÉPLICA À
REPORTAGEM: O MOVIMENTO INTERACIONISTA DE INTERLOCUÇÃO DE
UMA MÍDIA AUTOCONTROLADA E AUTOCENSURADA**

**DIALOGICITY BAKHTINIAN IN LETTER FROM READERS IN REPLY TO THE
REPORT: THE INTERLOCUTION INTERACIONIST MOVEMENT OF A SELF-
CONTROLLED AND SELF- CENSORED MEDIA**

Jozeane Martinha Lima¹
Aparecida Feola Sella²

RESUMO: Revistas de circulação nacional constituem aparentemente um amplo e democrático palco da manifestação de distintos gêneros textuais em um mesmo veículo periódico de comunicação. A carta do leitor, então, sendo um dos gêneros publicados semanalmente pela Revista Carta Capital, serve para análise de processos de interlocução explícitos e implícitos no texto. Temos como objetivo responder a duas questões: quais movimentos semânticos, morfológicos, sintáticos são materializados no processo de produção da Carta do Leitor pelo leitor ao estabelecer ou promover interlocução sem a censura e do processo de edição? E a quem o leitor (autor da Carta do Leitor) dirige sua interlocução, visto que o gênero em questão será lido primeiramente pelo editor da revista para que, após alterações necessárias, seja publicada e lida pelos leitores? Será analisada a dinâmica interativa e dialógica entre autor (revista)/ leitor (autor da carta do leitor)/ leitor universal (consumidores da revista Carta Capital). À análise a que nos propomos, precisamos considerar o texto como a materialização de gêneros discursivos em uso em diferentes esferas sociais, com função social de comunicação e interlocução determinadas, e inseridas em um processo histórico e político que interferem precipuamente na autorização daquilo que deve ou não ser publicado. O controle do que pode ou não pode ser veiculado denota uma censura velada em um processo de interação dialógica. Para isso, recorreremos ao aporte teórico apresentado por Mikhail Bakhtin o qual conceitua a linguagem como processo de interação.

PALAVRAS-CHAVE: interação; autocontrole; autocensura; carta do leitor.

ABSTRACT: National circulation magazines apparently constitute a broad and democratic stage of manifestation of different genres in one regular communication vehicle. The card reader then one of the genres published weekly by the magazine Carta Capital, serves for analysis of explicit dialogue processes and implicit in the text. We aim to answer two questions: What semantic movements, morphological, syntactic are embodied in the production process of the reader Charter for the reader to establish or promote dialogue without censorship and editing process? And to whom the reader (author of the Reader Letter) directs his dialogue, as the genre in question will first be read by the editor of the magazine so that after necessary changes, to be published and read by readers? Consideration will be given to interactive and dialogic dynamic between author (revised) / reader (author of the reader's letter) / universal reader (consumer magazine Carta Capital). The analysis we propose, we must consider the text as the materialization of genres in use in different social spheres, with social function of communication

¹Mestranda em Letras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: profe_martinha@hotmail.com

²Orientadora, Professora Doutora do Mestrado em Letras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: alfsella1@yahoo.com.br

and certain dialogue, and placed in a historical and political process that interfere primarily in the authorization of what should or not be published. The control of what may or may not be served denotes a veiled censorship in a dialogic interaction process. For this, we used the theoretical framework presented by Mikhail Bakhtin which conceptualizes language as interaction process.

KEYWORDS: interaction; self-control; self-censorship; reader's letter

INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, não só a escola, mas o homem, em suas relações sociais, auxiliado pela maior expansão da internet, tem buscado meios de uso da língua como processo de interação social. Nesses casos, a linguagem em forma de textos escritos passa a fazer parte da vida do homem, ou seja, em quaisquer momentos, supera-se o uso formal e conservador de que a produção escrita serve prioritariamente para cumprir burocracias escolares, como escrever para o professor com objetivo único de obter nota. A produção de texto é o processo dialógico da língua, já que os gêneros discursivos atuam socialmente em busca da atitude responsiva de quem recebe o texto. Segundo Bakhtin (1981), nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu. Assim, são construídas as noções de participação social e interlocução do *eu* e do *outro* confirmando o princípio de alteridade defendido por Bakhtin (2003), “a alteridade define o ser humano, pois o outro é indispensável para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro”. Conforme o autor, ser significa comunicar-se, pois a vida é dialógica por natureza e, sendo o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso, Bakhtin defende que o discurso não é individual porque é construído entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais e porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, mantém relações com interlocutores. No entanto, essa relação não ocorre como um modo livre de manifestação de ideias, já que há sempre uma espécie de controle daquilo que pode ou não ser dito em determinado momento e em acordo com o veículo de comunicação. No caso da revista Carta Capital, percebe-se que a censura de posições claras e em desacordo a ideologias defendidas por autores de reportagens não ocorre. Tanto é que há a publicação, na íntegra de cartas do leitor enviadas aos editores por leitores da revista.

A análise da carta do leitor, produzida a partir da reportagem “*Os excessos do lobby – A Anvisa alega riscos aos pacientes e proíbe vários tipos de emagrecedores. Médicos protestam*” por Cynara Menezes da revista Carta Capital, edição 667 de 12 de outubro de 2011, baseia-se nas observações de Bakhtin em que o diálogo não é apenas entendido no sentido de observação, mas nos

princípios de subjetividade do sujeito; no pensamento da linguagem em que estão situados o locutor e o ouvinte; na observação da dinâmica social e prática da linguagem. O autor, então, espera uma atitude responsiva do seu interlocutor, e não há nessa relação social espaço para participação passiva da linguagem, o que ocorre é que o outro passa a participar do texto do autor como se fosse co-responsável por tudo o que é dito e publicado. O presente estudo, então, focalizará os processos de interlocução estabelecidos linguisticamente em texto Carta do Leitor os quais promovem a construção de identidades sociais a partir de uma perspectiva sócio-histórica bakhtiniana, com materializações de processos semânticos, morfológicos e sintáticos, bem como as marcas de autocontrole e autocensura de posições advindas de leitores, e se as idéias coadunam ou não com a ideologia da revista sob análise.

1 INTERLOCUÇÃO SEM CONTROLE E SEM CENSURA EM GÊNEROS DISCURSIVOS CARTA DO LEITOR E REPORTAGEM

Para Bakhtin, a interação verbal deve ser vista como pertencente a esferas da vida e, por consequência, não deve ser compreendida para além da situação social em foi produzida e publicada. O processo de interação verbal se efetiva com a participação de interlocutores que exploram as diferentes formas de comunicação. Segundo Vygotsky e Bakhtin, a linguagem, sendo mediadora das relações humanas, constitui a consciência do homem. E, ao estabelecermos diálogo com o outro, fazemos escolhas lexicais para que a interlocução seja marcada de acordo com o gênero discursivo em questão.

A fim de entendermos e analisarmos a produção escrita por meio de conceitos bakhtinianos, há a necessidade de algumas alterações de conceitos, posturas e métodos considerados canônicos. É preciso pensar a produção textual escrita como um processo (híbrido, semântico e linguístico) responsável por constituir os gêneros discursivos.

Dessa forma, ao considerarmos os pressupostos teóricos de Bakhtin, o trabalho de escrita de texto é modificado, visto que não mais será o professor o único leitor da produção escrita do aluno. O estudante poderá experimentar na escola a função social da escrita de Cartas do Leitor. Impõe-se, então, a necessidade da produção de texto com finalidade, com destino, com interlocutor determinado, por isso o contexto social, histórico e ideológico de produção precisam ser considerados, já que, para Bakhtin,

É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual

for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. (BAHKTIN, 1981, p. 37).

Com o reconhecimento de que o dialogismo proposto por Bahktin ocorre marcado pela ideologia materializada pela palavra, um signo social passa a ser visto como recurso de escolha com finalidade de interação social, considerando a participação de um outro sujeito empírico além do professor e do aluno, ou seja, o leitor no sentido mais amplo da palavra – aquele que lê, interage, tece comentários de aceitação ou reprovação ao que foi publicado. A aceitação e reconhecimento do processo de interlocução (dizer algo a alguém), concretizado em palavras, permite ao produtor do texto considerar que há a dialogicidade (propriedade fundamental e intrínseca da língua) no discurso produzido pelo homem.

Nesse sentido, torna-se premente considerar o funcionamento da alteridade no tratamento estabelecido por meio de palavras e expressões que inscrevem a interlocução na Carta do Leitor. Os lugares enunciativos, nos quais se instituem a correlação entre autor e leitor e as balizas discursivas necessárias para respeitar as condições de produção e texto, são fatores que não existem separados.

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo de cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. Cada inscrição constitui uma parte inalienável da ciência ou da literatura ou da vida política. Uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida científica ou da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante. (BAHKTIN, 1981, p. 98).

Destacamos também nesta análise que texto e condição de produção são inseparáveis e esse efeito pode ser notado em algumas produções tendo suas possibilidades do que dizer restritas; e, em outros contextos, essas possibilidades são ampliadas.

[...] o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma. Em outros termos, o receptor, pertencente à mesma comunidade linguística, também considera a forma linguística utilizada como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo (BAKHTIN, 1981, p. 93)

Ao se relacionarem linguisticamente, os seres humanos estabelecem interlocução por meio de enunciados que têm o compromisso de envolver contexto determinado e interlocutores com posição ideológica inseridos a esse contexto. Considerando a importância dessa relação, Bakhtin defende que: “na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes, triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 1981, p. 95).

A interação com o outro no meio social, portanto, tem um papel fundamental, pois sem ele (o outro) o homem não é agente no mundo dos signos linguísticos, não participa das manifestações efetivadas pela linguagem e por meio da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim, não se constitui como sujeito. (FREITAS, 1997, p. 320).

A concepção de um homem que se coloca por completo em sua produção textual – considerada aqui a construção identitária como humano – é o que propõe Bakhtin. Para o pesquisador, é preciso seguir as manifestações linguísticas do homem com mais de uma possibilidade de interpretação autorizadas pelo signo com seu valor ideológico e histórico do momento de uso, confirmando, dessa maneira, que a linguagem é lugar de interação e interlocução entre pares.

O gênero discursivo conhecido como Reportagem se encontra, no contexto atual, cada vez mais presente entre as manifestações escritas circundantes na sociedade, haja vista sua publicação poder ser efetivada por veículos diversos como rádio, televisão, jornal, revista, internet. A exploração e explanação do que é divulgado à sociedade por meio de reportagens (intenção característica desse gênero discursivo), advém da investigação do repórter – o qual se responsabiliza pela veracidade das declarações e, portanto, estabelece contrato ético com o público leitor. Tal interação social comunicativa (estabelecida e transparentemente marcada entre os interlocutores: repórter e público leitor), colabora com o desenvolvimento linguístico do agente social: o homem. Essa contribuição possibilita a construção de identidade social, enquanto leitor e, por isso, interlocutor capaz de interagir por meio de outro gênero discursivo materializado no mesmo veículo em que se insere a Reportagem: a Carta do Leitor. A interação social estabelecida entre interlocutores é foco de análise desse artigo.

Para fins de melhor aprofundamento em temas relacionados a questões sociais – convidativos ao leitor a debater polêmicas que o envolvem enquanto cidadão – assim como para melhor verificar o uso de linguagens midiáticas de circulação nacional, as quais utilizam a norma culta, optamos por analisar dois textos publicados na revista Carta Capital. O primeiro é uma

Reportagem de 12 de outubro de 2011, edição 667, cujo título é “*Os excessos do lobby – A Anvisa alega riscos aos pacientes e proíbe vários tipos de emagrecedores. Médicos protestam*” de Cynara Menezes. O segundo é uma Carta do Leitor publicada numa edição posterior (668) na seção dos leitores, em resposta à reportagem em questão.

Nossa investigação, então, recai sobre o processo de interação social de comunicação (contextualizado nesses dois gêneros discursivos distintos) revelando a interlocução que advém de determinadas estruturas lingüísticas capazes de provocar movimentos semânticos, morfológicos e sintáticos – os quais servem de constituição do texto.

2 INTERLOCUÇÃO AUTOCONTROLADA E AUTOCENSURADA ESTABELECIDA NA REPORTAGEM

A análise do processo de interlocução envolvido na reportagem “*Os excessos do lobby*” revela uma interação que contribui na materialização desse texto enquanto gênero discursivo, uma vez que o autor do texto (repórter) se coloca na posição de informante sobre o fato que envolve a proibição de determinados medicamentos utilizados para reduzir peso. Nesse contexto, o gênero discursivo Reportagem se constrói por meio de um produtor que busca aparentemente uma neutralidade ao interagir com o seu interlocutor principal: o público leitor da revista Carta Capital. Essa neutralidade do repórter advém de uma linguagem imparcial, com verbalizações e construções pronominais na terceira pessoa do discurso – evidenciando, dessa forma, um estilo que pressupõe um público leitor preparado a decodificar a seleção do vocabulário, a pontuação, os recursos coesivos e os elementos envolvidos na questão temática (a partir do contexto social de produção no qual se envolvem os interlocutores).

O papel do repórter nesse contexto é proporcionar um relato que esclarece aos leitores um fato social novo. Para isso, o produtor do texto deve chamar a atenção do público leitor (consumidor da revista) por meio de estratégias que também contribuem com a materialização desse gênero discursivo. Ou seja, são utilizados muitas vezes recursos visuais, gráficos, manchetes, depoimentos, esclarecimentos, entrevistas, entre outros, que inclusive colaboram para determinar o interlocutor o qual o texto convida à leitura.

Percebemos, então, que o repórter se utiliza de outros discursos para informar sobre aquilo que a reportagem investiga. Dessa forma, o texto permite a presença de outros interlocutores os quais participam da polêmica impulsionadora de discursos que servem de justificativa, defesa, explicação, crítica, elogio...

Na reportagem em questão, observamos a interlocução estabelecida com o leitor do texto por meio de um discurso marcado social e ideologicamente. Logo, nos gêneros do discurso, “há

vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente.” (BAHK'TIN, 2003, p. 330).

Há a voz do defensor do medicamento para obesidade:

“...se não fossem eficazes [...], por que esses produtos estariam ainda no mercado., sendo que alguns deles existem há mais de 50 anos?” (médicos com experiência em consultório).

“A anfepramona é vendida lá (EUA) e no Canadá sob o nome de dietilpropiona. É um remédio seguro. Quem fala que não é, não estudou.” (Dimitri Gabriel Homar, vice-presidente do CRM-DF).

Verificamos que as entrevistas publicadas junto à reportagem convidam, a partir da indagação e da afirmação, o leitor a participar do debate instaurado a partir da polêmica em questão: a proibição de medicamentos para redução de peso.

Há também a voz daqueles que assumem posição contrária ao uso de medicamentos para emagrecer:

“Em outros países, os médicos aceitam decisões das agências reguladoras. Só aqui existe essa visão atrasada de que o médico pode utilizar algo que não foi autorizado pelo governo...” (Dirceu Barbano, presidente da Anvisa)

“O que são essas fórmulas, prescritas por médicos com diploma na parede, para serem aviadas em farmácias de manipulação legalmente autorizadas a fazê-lo, mas também vendidas na clandestinidade e até pela internet?”. (Drauzio Varella, oncologista e colunista da revista Carta Capital)

Ainda há a voz de quem escreve a Reportagem, no caso a jornalista da revista Carta Capital, Cinara Menezes:

“No Brasil, os consumidores terão de escolher se confiam mais nos médicos ou na Anvisa.”

E a voz que relativiza:

“Reconheço que existe um uso inadequado dos anorexígenos, mas não significa que seja necessário retirá-los do mercado. O que tem de ser feito é aumentar a fiscalização.” (Ricardo Meirelles – ex-presidente e atual diretor de comunicação da Sociedade Brasileira de Endocrinologia)

3 INTERLOCUÇÃO (COM CONTROLE E SEM CONTROLE) ESTABELECIDA NA CARTA DO LEITOR

A partir da leitura de Reportagens publicadas em determinadas revistas de circulação nacional (no caso desta análise: a revista Carta Capital, reportagem “Os excessos do lobby”), o público leitor – a quem o contexto social de produção especificamente se dirige – tem a

oportunidade de participar desse ato comunicativo promovendo uma interação basicamente estabelecida entre dois interlocutores: leitor e revista.

Considerando esse contexto, o leitor torna-se produtor do texto que serve de réplica à revista, a partir da leitura de textos divulgados por meio desse veículo de comunicação social (reportagens, artigos de opinião, entrevistas...), materializando um gênero discursivo denominado Carta do Leitor. Tal produção textual oportuniza o leitor a desempenhar um papel social importante, o de cidadão que pretende exercer democraticamente o direito de manifestar seu pensamento diante das publicações.

A produção de Carta do Leitor serve para medir o grau de compreensão do texto Reportagem publicado pela equipe de edição da Carta Capital. Dessa forma, ao optar pelo envio de uma Carta do leitor, o leitor da revista passa a demonstrar sua capacidade de interação com o discurso de outro. E, nesse contexto, “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos: em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos.” (BAHKTIN, 1981, p. 34)

Carta do leitor – edição 668 de 19 de outubro de 2011:

A reportagem “Os excessos do lobby” de Cynara Menezes mostra que mais uma vez um problema de saúde pública fica nas mãos de grandes tubarões. De um lado a Anvisa ditando normas a serem seguidas, de outro os laboratórios que aumentam sua lucratividade paralelamente ao aumento de peso do brasileiro. Perdoem-me a ingenuidade, mas me parece que o problema maior – brasileiros com sobrepeso e obesidade – é somente um pretexto para poder provar quem pode mais.

Estar acima do peso não é só um problema meu, é um problema de aceitabilidade social, de acessibilidade, visto que ser gordo não limita apenas a pessoa a usar a roupa que quer, mas também a desenvolver a atividade que quer. Como parceiros da luta contra a balança, temos encontrado médicos que, com responsabilidade e acompanhamento, buscam minimizar nossos entraves. Porém, vez ou outra, percebemos a presença da Anvisa que proíbe as poucas, senão única, alternativa de tratamento para diminuirmos o peso. Os argumentos apresentados não convencem, visto que proibir não garante saúde, não garante bem estar, não garante vida. Considero importante ressaltar que junto à ingestão de remédio para emagrecer, sempre fui informada e orientada – pelos médicos – a seguir uma dieta mais saudável, no entanto, minhas calças ficam justas por questões que vão além de bom apetite. Ou seja, somam-se ansiedade, compulsão, genética, e o pior, uma cultura que vê em tudo motivo para comemorar com muita comida e bebida.

Espero que o Brasil não de as costas a mim em momentos que tanto preciso dele, e que não seja necessário eu atravessar a ponte a fim de chegar ao país vizinho para encontrar aquilo que o meu país me impede de ter. Já é assim com o aborto, será assim também com os inibidores de apetite?

Martinha de Lima

Cascavel – PR

As Cartas dos Leitores são publicadas em seção específica e delimitadas pela própria revista, a qual responde pelo conteúdo veiculado nos textos. É compreensível, então, que a publicação se limite a certo número de textos – que interagem obedecendo à aceitabilidade prevista pela ética social imposta aos veículos midiáticos confirmando a tese de Bakhtin de que

“[...] cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história.” (BAKHTIN, 2003, p. 310).

A aceitabilidade do conteúdo a ser publicado na Seção dos Leitores é necessária, uma vez que o repórter, ao inserir em seu corpo de texto outras declarações, possibilita ao leitor a interação com outros interlocutores. Sendo assim, o gênero discursivo Carta do Leitor publicado na revista se constitui a partir de determinadas considerações: opinião e informação divulgada interessante a todos os leitores, interlocução, contribuição com a abordagem do repórter, remetente e destinatário, local e data, despedida e assinatura. Além disso, consideramos nesta análise que “a palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala.” (BAKHTIN, 1981, p. 180)

3.1 INTERLOCUÇÃO I (CONTROLADA E CENSURADA) – DISCURSO DIRIGIDO AO LEITOR UNIVERSAL

Em “*Perdoem-me a ingenuidade, mas me parece que o problema maior – brasileiros com sobrepeso e obesidade – é somente um pretexto para poder provar quem pode mais.*” há interlocução estabelecida por meio do pronome oblíquo átono “me”, marcando a primeira pessoa como produtor de texto em processo de interação social, haja vista o verbo “perdoem” (na terceira pessoa do plural) chamar para a generalidade, ou seja, leitor universal. Na Carta do Leitor em análise, o leitor considerado universal refere-se à Anvisa, aos responsáveis pela editoração da revista e aos leitores da revista Carta Capital – envolvidos com o problema da obesidade ou não.

Para Bahktin(1981),

“o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.” (BAKHTIN, 1981, p. 96)

Isto é, ao proferir enunciados, o produtor do gênero discursivo faz escolhas conscientes do que a Língua Portuguesa dispõe a seus usuários. Como é o caso de:

“*Porém, vez ou outra, percebemos a presença da Anvisa que proíbe as poucas, senão única, alternativa de tratamento para diminuirmos o peso.*”

A partir da apresentação da conjunção adversativa “porém”, o autor da Carta do Leitor interrompe um discurso dirigido aos leitores com problemas de sobrepeso e chama a atenção de toda a sociedade convocando o leitor universal a se contextualizar historicamente para reconhecer que em outros momentos a Anvisa já decretou intervenções quanto ao uso de medicamentos. O apelo ao interlocutor universal se dá ao adotar o verbo na terceira pessoa do plural, indefinindo-o e autorizando a adesão de todos, devido ao valor semântico e pragmático do período que segue:

“Os argumentos apresentados não convencem, visto que proibir não garante saúde, não garante bem estar, não garante vida.”

O apelo é feito pelo locutor ao referir-se a garantias tão desejadas pelo homem: “saúde”, “bem estar”, “vida”, estabelecendo, assim, uma gradação de ordem crescente.

3.2 INTERLOCUÇÃO II (SEM CONTROLE E SEM CENSURA) – DISCURSO DIRIGIDO AOS LEITORES COM PROBLEMAS DE OBESIDADE

Para Bahktin (1981), a palavra dirige-se a um interlocutor. Na busca de encontrar leitores com afinidades ao que o locutor estabelece como verdade, tem-se o discurso direcionado a pessoas com problemas de sobrepeso, as quais possivelmente compartilham a ideologia presente no texto do leitor produtor de Carta do Leitor. A interlocução estabelecida com pessoas obesas que dependem de medicação comprova o que é afirmado por Bahktin de que

“A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se essa for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato: não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no figurado.” (BAHKTIN, 1981, p. 116).

Como é de ciência do produtor do texto, a Carta do Leitor publicada na revista Carta Capital da edição 668 confirma a necessidade de estabelecer interlocução com o leitor previamente identificado pelo autor. Essa necessidade instaura escolhas lingüísticas apoiadas no processo pragmático da linguagem. Para esse fenômeno ocorrer, o autor recorre a recursos como verbos e pronomes, como apresentado no fragmento que segue:

“Como parceiros da luta contra a balança, temos encontrado médicos que, com responsabilidade e acompanhamento, buscam minimizar nossos entraves.”

Nesse fragmento, observamos o movimento sintático-semântico de primeira pessoa do singular para a primeira pessoa do plural, expresso linguisticamente pelo verbo “temos” e pelo pronome possessivo “nossos”.

3.3. INTERLOCUÇÃO III (COM CONTROLE E COM CENSURA) – DISCURSO DIRIGIDO A AUTORIDADES (GOVERNO, JUSTIÇA)

No último parágrafo da Carta do Leitor, o locutor do texto retoma a voz do discurso em primeira pessoa do singular. Nesse momento, em que conclui a Carta, o produtor expressa o desejo de que a proposta da Anvisa não seja efetivada.

“Espero que o Brasil não de as costas a mim em momentos que tanto preciso dele, e que não seja necessário eu atravessar a ponte a fim de chegar ao país vizinho para encontrar aquilo que o meu país me impede de ter.”

Os verbos “espero”, “preciso”, “eu atravessar/chegar/encontrar/ter” são recursos linguísticos instituídos em um processo ideológico e histórico no qual o autor não se abstém de assumir autoria do dizer algo a alguém. No último parágrafo publicado na Carta do Leitor analisada, há interação de ordem implícita com o Governo brasileiro decodificado pelo substantivo próprio “Brasil”, e com a Justiça brasileira decodificado no período:

“Já é assim com o aborto, será assim também com os inibidores de apetite?”

Esse movimento semântico denuncia a venda de medicamentos oriundos do país vizinho ao qual a autora mora, Paraguai. Essa posição assumida na Carta do Leitor é possível por considerarmos o homem como ser social que interage e promove refração, segundo Bakhtin, dos assuntos dos quais ele toma conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz de teorias da linguagem sociointeracionista elaboradas por Mikhail Bahktin, identificamos os elementos linguísticos capazes de promover a interação social do homem a qual foi estudada na análise (ainda inicial) de dois gêneros discursivos, que, apesar de distintos, são veiculados pela mesma mídia impressa. Autoriza-se, nesse processo dialógico, a interação entre Reportagem e Carta do Leitor, textos que circulam nacionalmente na revista Carta Capital. Percebemos, então, que o processo de interlocução é responsável por possibilitar a constituição do texto enquanto signo linguístico e do gênero discursivo enquanto interação social influenciado ideológica e historicamente e, por isso, traz marcas explícitas e implícitas de controle, censura, autocontrole e autocensura.

Verificar a interlocução presente na Reportagem e na Carta do Leitor também nos permitiu considerar que o momento de interação social por meio da linguagem é determinado por movimentos semânticos, morfológicos e sintáticos, os quais, inseridos em certo contexto, constituem estilo de escrita, seleção vocabular, linguagem adequada, interlocução, e, portanto, recursos linguísticos apropriados àquele com quem se deseja interagir: o leitor do gênero discursivo Carta do leitor publicado na revista Carta Capital no mês de outubro do ano de 2011, respeitando, assim, o contexto histórico e social de produção e é um modo de controlar (censurar) e aquilo que é dito nas linhas do texto.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- . *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: ——. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997. FREITAS, M. T. de A. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In: BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora Unicamp, 1997.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2005.
- . *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- . *O texto na sala de aula*. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.) *Gêneros textuais & Ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2003.